

Procurando Diogo Soares, encontro o complexo de Édipo?

Eneida Iankilevich,¹ Porto Alegre

A partir da leitura do livro Desaparecido, da autoria de cinquenta jovens de 11 anos de idade de uma escola de Porto Alegre, o conceito psicanalítico de sexualidade é estudado. O livro conta a busca de um jovem casal, recém-casado, por Diogo Soares, o pai da noiva, desaparecido desde o casamento. Impossível não ler aí uma recriação do mito edípico, sendo a autora psicanalista. O fato de ter sido escrito por cinquenta jovens mentes reforça a noção freudiana de ser este o complexo nuclear do desenvolvimento psicosexual do ser humano. Controvérsias dentro da teoria psicanalítica sobre o conceito são examinadas. A autora propõe que, assim como a resolução do complexo de Édipo impõe a renúncia aos pais e ao eu infantis e um trabalho de luto daí decorrente, precisamos renunciar ao Freud que teria todas as respostas para torná-lo inspiracional, possibilitando o desenvolvimento da psicanálise.

Palavras-chave: Sexualidade; Complexo de Édipo; Desidealização; Adolescência

¹ Médica psiquiatra (UFRGS). Psicanalista didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA). Psicanalista da infância e adolescência.

1. *Desaparecido*

Em 2013, foi publicado em Porto Alegre um livro intitulado *Desaparecido*, escrito e ilustrado por cinquenta alunos do 5º ano de uma escola da cidade, todos em torno de 11 anos de idade. Diante de um desafio do colégio e trabalhando em equipe, construíram o livro desde o planejamento até a publicação. Muitas escritas e reescritas do texto aconteceram, muita pesquisa e leituras, conforme as professoras que participaram do processo como consultoras fizeram questão de destacar. O resultado é uma história co-criada e contada em 26 capítulos, sendo o primeiro escrito por todos e, cada um dos seguintes, escrito em dupla.

O capítulo inicial, feito através de um trabalho conjunto, situa e estrutura a trama policial que se desenvolverá. Tem por título *Onde nada fazia sentido*. Já o capítulo final é *Quando tudo faz sentido*. Impossível não escutar ecos daquilo que é tão essencial para mim em nossa tarefa como psicanalistas: ajudar o analisando na busca por tornar-se capaz de ir construindo sentido, significado, em e para sua própria vida (sem a pretensão a *tudo*, como pré-adolescentes podem ter). Os demais capítulos possuem títulos instigantes, como *Chegando ao pesadelo*, *Uma grande coincidência*, *Um ex-vizinho* e *A enrascada*, para citar alguns, algo que me remete à experiência com o longo, acidentado e instigante percurso psicanalítico. Contudo, estas são reflexões posteriores ao impacto da leitura do livro e, acredito, diretamente estimuladas por esta.

O livro começa assim: “Embarcando no avião, após sua festa de casamento, Carlos recebeu a ligação de um amigo, avisando que o pai de Juliana tinha sido sequestrado e levado para o Rio de Janeiro. Ele olhou para sua linda esposa” (p. 13). Ao longo do capítulo, ficamos conhecendo a beleza, força e simpatia do casal e a história de encontro e amor que os levou a estarem em um avião, que já fechara as portas, partindo para a lua-de-mel, quando Carlos recebe esta notícia e fica sem saber se conta ou não para Juliana o que ocorrera, pois as portas fechadas do avião impediam qualquer ação de sua parte. Acaba contando e ela “começou a chorar desesperadamente. Enlouquecida, levantou-se e invadiu a cabine do piloto, solicitando que aterrisassem no aeroporto mais próximo” (p. 15). Na confusão que se segue, uma mala cai, abrindo. Juliana sente nas roupas o perfume do pai. A partir de então a trama se desdobra, a cada capítulo, na busca do casal por *Diogo Soares*, o pai e sogro desaparecido desde o casamento. O casal passa a seguir pistas que os levam a lugares exóticos e distantes. São aventuras ricas e instigantes, que terminam em frustração do objetivo, mas sempre no encontro de uma nova pista, que leva a outra busca, não sem sobressaltos, ferimentos, sangramentos, socos,

desencontros. Eis que, seguindo uma pista até Londres, encontram um sequestrador chamado Pierre.

Ele deu um soco no queixo de Carlos, que acabou desmaiando. Aproveitaram que ele estava adormecido e pegaram Juliana. Carlos acordou e estava pendurado no ponteiro do grande relógio, e Juliana estava dentro da torre. Ele lembrou que estava com o celular no bolso. Resolveu ligar para Nicolas e pediu que ele mandasse a New Scotland Yard ir salvá-los (p. 96).

Salvos por um inspetor desta instituição, seguem sua busca pelo pai/sogro. Encontram uma pista que os leva ao próprio hotel onde estavam hospedados. Auxiliados pelos detetives Nicolas e Antonia, acabam por chegar ao lugar em que Diogo estava preso, o Beco da Índia, na Índia. “A entrada do Beco era horrível, suja, com ratos e bichos nojentos, por isso ficaram com muito nojo de entrar, mas eles sabiam que teriam de ir de qualquer maneira” (p. 107). Ali encontraram um prédio, de onde saem gritos de socorro. Juliana reconhece a voz do pai e corre para a porta, que está trancada. Desesperada por libertá-lo, Juliana pede ajuda a Carlos que, “com voz fraca”, “lembrou que tinham encontrado uma chave dourada em uma caixa, naquele mesmo beco, dias antes. Mas não conseguiu lembrar onde a tinha guardado. Olhou na bolsa de Juliana, mas não estava lá. Então olhou no bolso de sua calça, e achou. Deu a chave para Juliana abrir a porta e libertar seu pai” (p. 110). Mas a chave não abre a porta. Carlos percebe, então, que esta era a “chave de casa”, olha novamente em seu bolso e encontra a chave dourada que, enfim, abre a porta, libertando o sogro. Depois de mais algumas dificuldades com os bandidos, os três chegam ao hotel, livres. Carlos sugere que pai e filha vão para o quarto descansar, enquanto vai à farmácia “buscar alguns medicamentos” (p. 112). Juliana afirma que irão esperá-lo para jantar e diz ao pai: “-Vamos deitar aqui na cama para relaxar e conversarmos um pouco”, ao que o pai replica “- Ok, mas antes quero tomar um ar!” (p. 112-113). Depois de algum problema com os sequestradores, o pai/sogro por fim pode descansar. Diz a Carlos e Juliana que os dois podem descer para jantar, que os seguirá depois de tomar um banho.

Diogo Soares entrou no banho. Levou uns trinta minutos para relaxar e retomar as forças. Enrolado na toalha, foi olhar seu e-mail no celular, mas estava sem bateria. Colocou-o para carregar e, quando enfiou o carregador na tomada, levou um choque, caindo duro no chão. Ele estava morto! Juliana voltou ao quarto correndo para ver o que tinha acontecido, pois achou que o pai estava demorando muito!

Ao ver seu pai caído no chão, desmaiou! Depois de alguns minutos, retomou os sentidos e começou a sentir dores na barriga, muito fortes! Alguém bateu à porta:

Toc toc toc toc...

– Quem é?

– Sou eu, Juliana, Carlos!

– Ai, entra logo! – gritou Juliana desesperada.

Carlos entrou no quarto e ela disse:

– Carlos, – falou, chorando muito! – meu pai... Faleceu e eu estou com uma dor muito forte na barriga!

– Juliana! Juliana! Acorda! Chegamos! – disse Carlos. – Chegamos a Miami. Meio sonolenta e atordoada com tantas horas de voo, Juliana se tocou de que tudo aquilo tinha sido um grande pesadelo.

– Ai, nem acredito! Meu desejo se realizou!!!! Casei com você e estamos aqui! Assim que desembarcar, vou ligar para o meu pai. – falou Juliana sorrindo.

O casal foi para Miami Beach para aproveitar a Lua de Mel, que foi um sonho, mas um sonho real, cheio de amor e alegria! (p. 115-116).

Assim termina este livro encantador. Das muitas leituras possíveis, inevitavelmente *li*, na difícil e aventureira luta pela conquista da sexualidade que marca a individualidade, uma confirmação da onipresença do mito estruturante da psicanálise, Édipo Rei, no desenvolvimento. Foi possível perceber, também, o inconsciente dando sentido e colocando em ação os acontecimentos. Para poderem casar, o pai precisa morrer. O desespero, a ambivalência, o medo e a necessidade de abrir mão desta figura infantil, deste *deus-lar*, e, portanto, do eu infantil, são descritos com beleza nesta aventura imaginada e construída em conjunto por estes jovens. O enorme esforço para salvar o pai de seu destino inexorável, que é dar lugar à *Lua de mel*, símbolo da conquista da sexualidade socialmente reconhecida e da vida adulta, fala do desejo por este lugar de casal que pode compartilhar o gozo do amor pleno, mas também fala a respeito da dor pela renúncia ao pai da infância, ao eu infantil. Esforço e conflito que são a história deste livro. E da vida, na concepção psicanalítica.

É nesta busca, do *onde nada faz sentido* ao sentido conquistado com luta, esforço, luto, identificações, que acontece a experiência que constitui o indivíduo capaz de existir, desenvolver-se, relacionar-se, mudar, pensar, criar, contar e ouvir histórias. Um ser sexual. Tema que impõe a questão tão própria da psicanálise, a concepção de sexualidade. Neste artigo, procuro expor algumas reflexões pessoais

sobre o mesmo, inspirada pela produção destes jovens (minha escuta disto) e por minha prática clínica, além do estudo e discussões com colegas.

2. Uma grande coincidência

Este título de um dos capítulos de *Desaparecido* expressa o que senti em minha leitura: uma grande coincidência entre concepções da teoria psicanalítica e a obra produzida por estes jovens mentes em um momento chave (“a grande chave dourada” da p. 92) do desenvolvimento. Certamente, minha leitura é uma das muitas possíveis, resultado de meu encontro pessoal, intransferível, com o livro. Reconheço ser esta leitura uma atribuição de significado coerente com minhas concepções e experiência. E, neste sentido, foi uma vivência instigante, que se desdobrou em questionamentos e reflexões, além de gerar um sentimento de maior confiança nas hipóteses que sustentam minha abordagem clínica.

A prática psicanalítica desencadeia dúvidas, incertezas, em ambos os participantes. A leitura deste quase-depoimento me fez pensar que isto também se deve ao reconhecimento de que, como psicanalistas, construímos interpretações a partir do que acontece na sessão. No melhor cenário, como “hipóteses de trabalho”, nas palavras de Etchegoyen (1987, p.181), procurando criar abertura, possibilidade de questionamento, ou seja, de pensamento, em que o analisando está impedido disto por suas próprias teorias, talvez ainda inconscientes e, portanto, absolutas, inquestionáveis. Nossas interpretações resultam de pressupostos teóricos, explícitos e implícitos, os quais fazem parte de nossas concepções acerca do que acontece na dupla, e, assim, também constituem o campo. Teorias que pretendemos que estejam constantemente abertas ao desenvolvimento, como desejamos acontecer com as teorias dos analisandos.

Li, em *Desaparecido*, a sexualidade fazendo a vida acontecer. É uma corroboração de alguns pressupostos psicanalíticos. Encontrar a expressão espontânea da vivência edípica ou, mais precisamente, uma possibilidade de pensar assim, no encontro com este livro, tem sido uma experiência de encantamento e tranquilização para mim. Mesmo autores que o pensam a partir de outros vértices (como Klein, cuja teorização cria um outro Édipo, ou Laplanche, que o torna um organizador do inconsciente, não seu complexo central, conforme Calich, 2015) mantêm sua importância essencial na teoria. Acredito ter vivido a trama deste livro como um fortalecimento de minha confiança na teoria que orienta minha prática. Quase uma *evidência*, que pretendo seja capaz de me tornar mais livre e aberta

para aprender da experiência analítica cotidiana. Com isso, percebi novamente que sexualidade e conflito edípico são noções centrais em minha escuta.

Carlos e Juliana perseguem pistas do paradeiro de Diogo Soares, pai e sogro, a partir do Rio Grande do Sul (tendo eles se conhecido “na cidade de Anta Gorda, localizada no Vale do Alto Taquari, entre os rios Guaporé e Forqueta, distante cento e noventa quilômetros da capital do estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre”, (p. 14)), passando pela Transilvânia, Grécia, Zimbábue, Zâmbia, Nova Iorque, Londres, Roma, Pequim, Índia e de volta ao Brasil. O fato de a trama deste livro acontecer em lugares tão distantes uns dos outros, partindo de uma localidade no interior, tão fora da rota inicialmente pensada pelos recém-casados, resultando nesta aventura tão complexa, cheia de sobressaltos e reviravoltas, me faz pensar na abrangência da sexualidade na vida humana.

Qual sexualidade? Em seu importante artigo *Sexualidade tem algo a ver com psicanálise?*, que problematiza o status desta na psicanálise atual (o artigo original resulta de uma conferência realizada em 1995), Green (1995) destaca que, mesmo a partir de pressupostos biológicos, “Freud, na verdade, inventou a *psicossexualidade*.” (p. 218). Psicossexualidade que amplia a noção vigente que reduzia a sexualidade à genitalidade, tornando a busca e obtenção de prazer acontecimentos desde o início da vida. A elaboração do conceito de pulsão dá sentido a isto na teoria freudiana. A psicossexualidade, considerada organizadora e motor da vida do indivíduo, enfatiza a sexualidade infantil. Esta teria sua centralidade no complexo de Édipo a ser *resolvido* (*dissolvido*), o que instituiria a formação do superego e as identificações como corolário. Assim como a noção de alteridade e, portanto, de identidade. Teorização reformulada por Klein e seguidores, que falam da origem precoce, pré-genital do complexo de Édipo, consistentemente com sua concepção de haver vida de relações desde sempre.

Não pretendo, neste trabalho, estudar as repercussões e controvérsias resultantes do artigo de Green, que contesta esta noção kleiniana, nem abordarei os debates desencadeados por este trabalho (Azevedo, 2013). Tenho como objetivo, sim, destacar minha convicção de que, implícita ou explicitamente, a noção de sexualidade mudou de maneira radical a partir de Freud (mesmo levando em conta os questionamentos que já vinham acontecendo a este respeito na época em que este autor apresentou sua teoria), determinando a nossa escuta dos analisandos e da própria teoria e teoria da técnica, como me parecem ilustrar as preocupações que levaram à escrita e publicação deste artigo de Green já citado (e escrito noventa anos depois dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*). E, penso, também foi decisivo para a minha leitura feita do texto dos jovens.

Em *Desaparecido*, Diogo Soares, o sequestrado, é pai de Juliana, mas a

busca pertence ao casal. Tal fato me fez pensar na difícil trajetória realizada até poder-se constituir outra cena primária, tornar-mo-nos protagonistas de um novo acontecer. A força das fantasias que dão colorido a esta conquista, que traz em si uma perda e impõe um trabalho de luto a caminho de uma nova ordenação, acredito que apareçam no imenso esforço despendido ao longo da trama. Em muitos momentos, Carlos intervém salvando Juliana, dela cuidando, carregando-a no colo. Uma referência aos papéis masculino e feminino, às diferenças, à cultura na qual acontece o crescimento? Pensei nisso também ao ler algumas soluções encontradas pelos personagens, tais como, por exemplo “lembrou que estava com o celular” (p. 96), “um calmante, porque estava muito estressada” (p. 17). Utilizamos os instrumentos possíveis e disponibilizados pela cultura de que somos parte para tentar resolver problemas ancestrais? Em alguma medida, a conquista da identidade que possibilita o estabelecimento de relações, de novas cenas primárias, para usar algo tão central em nossa teorização, seria uma marca do humano (a conquista da sexualidade genital, do lugar adulto na sociedade, da independência e identidade), da construção da mente? A julgar pelo o que podemos escutar do produto de 50 jovens mentes criando este texto, acredito que poderíamos responder de maneira afirmativa.

3. “Assim que desembarcar, vou ligar para o meu pai”

Podemos pensar esta produção literária como se fosse o conteúdo manifesto de um sonho, inspirados na aproximação de Melanie Klein ao brincar das crianças (1932) ou nos entendimentos psicanalíticos de obras de arte realizados desde Freud, algo que nos possibilitaria diversas e ricas teorizações e aprendizagens. Se a tomarmos como evidência, por ser um produto espontâneo de um grupo de jovens mentes em desenvolvimento, podemos enfatizar o conflito edípico na representação da luta por matar o pai para poder tê-lo como objeto de identificação, a serviço do crescimento.

Um aspecto que me chamou a atenção nesta história tão cheia de paixão, de obstáculos e superações, e que me remeteu de maneira tão viva à concepção de conflito edípico, é a ausência (explícita?) da mãe. Ao longo do texto, os personagens femininos são Juliana, um dos protagonistas; Amy, uma amiga inglesa do detetive Nicolas; Marília, uma vilã; e Antonia, uma detetive, a princípio sob disfarce. As três últimas possuem pequena expressão na história. O pai, por sua vez, é central e onipresente, não há um capítulo em que não seja determinante do que se passa, ocupando a mente de Juliana de forma quase absoluta.

Carlos promete a Juliana, já no começo da trama: “-Não te preocupes, querida, nós acharemos teu pai. Eu te prometo. Seja sofrendo, viajando, de qualquer maneira. Eu te garanto!” (p. 18). Torna sua, portanto, a missão, estabelecendo uma relação pessoal com esta figura paterna e rival. Qual podemos imaginar ser o sentido deste movimento? Carlos precisa ajudar Juliana a encontrar o pai para poder com ela constituir uma nova realidade. Juliana precisa encontrar o pai para deixá-lo morrer e, depois, poder “ligar para ele”, antes de finalmente viverem a sua *lua-de-mel*.

O pai, centro da luta edípica? Um pai *freudiano*? A ausência da mãe na mente dos autores na descrição deste embate do desenvolvimento faz pensar no que afirma Bloss (1979): “a existência de um momento de relação dual (do menino) com o pai no início da adolescência como forma de escapar à mãe engolfante da infância” (p. 133).

Tarefas diferentes para filho e filha, podemos pensar. O pai, figura central para ambos neste momento de coroamento da separação da vida e identidade infantis, representado aqui pelo casamento. Estaremos falando do processo de identificação, para Freud inaugurando o superego como herdeiro do complexo de Édipo? Klein não admite esta concepção da formação do superego, mas o papel da identificação na constituição do indivíduo é prevalente em sua obra. Identificação que, penso, pode ser considerada como aspecto da sexualidade entendida como psicosssexualidade, desdobramento da luta pela conquista da independência, da individualidade. O que implica a dolorosa perda da ilusão infantil de pais que nos protegeriam do reconhecimento do desamparo humano (*Hilflosigkeit*, diz Freud, 1926). E o trabalho de luto que possibilita o conhecimento de nossos próprios recursos, os quais possibilitam a vida.

Trabalho de luto, portanto, que é estruturante e caminho (talvez único) para esta *lua-de-mel* tão desejada (“Ai, nem acredito! Meu desejo se realizou!!!! Casei com você e estamos aqui!”, conforme p. 116), conquistada a duras penas.

Para este desenvolvimento ser possível, devemos imaginar uma mãe que esteve/está, que sobrevive à violência do crescimento dos filhos como objeto interno, marca identificatória que capacita para o embate do crescimento. E um pai que deve ser morto para o filho existir como adulto.

4. “Ele estava morto!”

Poderíamos também pensar este livro como uma elaboração do luto pelos pais e pelo eu infantis. Trabalho de luto do qual resultam as identificações que nos

constituem e nos possibilitam conhecer e usar os recursos que fomos construindo nesta árdua batalha feita de *sofrimentos*, *viagens*, de enfrentamento com uma realidade factual que temos que conhecer, habitar, tornar nossa. Passos do longo percurso *em direção à independência*, considerado por Winnicott (1963a), em uma de suas teorizações sobre o desenvolvimento, uma tarefa para toda a vida.

O indivíduo que pode viver este processo de identificação, resultado do reconhecimento da realidade que impõe prescindir destes pais infantis, *deuses-lares*,² está livre para estabelecer novas relações, inclusive com seus pais. Relações que são o antídoto da solidão (Iankilevich, 2010). Nesta nova organização, precisa não só “responsabilizar-se por si mesmo” (Meltzer, 1967, p. 10), mas também descobrir a capacidade de tornar pensável sua experiência, contar para outro que ouve e compartilha, em um encontro gerador de sentido, fértil, prazeroso. Um encontro onde a vida sexual genital pode acontecer (“Casei com você e estamos aqui!”, p. 116), criando novas histórias.

A eletrizante aventura que é *Desaparecido* me fez pensar na ruptura causada por Freud ao propor sua teoria da sexualidade. Teoria que não apenas muda sua abrangência, de ato específico do encontro genital adulto a força motora do acontecer humano (pela teoria da pulsão), como possibilita a percepção do longo caminho até conquistar e usufruir da vida genital adulta. Genitalidade que deixa de ser concebida apenas como ato físico, passando a ser compreendida sua riqueza e complexidade pela experiência emocional que é. Experiência que acaba por ser determinada pelas fantasias que a constroem. Como uma vez me disse um professor, Dr. Isaac Pechansky (comunicação pessoal), não sabemos o que está acontecendo em um encontro sexual entre dois adultos: pode ser uma relação incestuosa, um ato masturbatório, um abuso... é a fantasia de cada um e do par que determina o que está acontecendo.

É a conquista da individualidade que, acredito, passa pela vivência e pela resolução do complexo de Édipo, que leio tão ricamente demonstrada neste livro. Em Freud (1924), a *dissolução* deste se dá de forma diferente para meninos e meninas, mas para ambos o complexo de castração é central no processo (algo que, nos meninos resultaria em sua resolução, nas meninas é determinante para desencadeá-lo). Pergunto-me se tanta paixão, vivências tão extremas, não são necessárias para poder acreditar em sua própria potência, na integridade de seus genitais (*falo*, como destaca McDougall, 1989), em sua força amorosa, criativa, em contrapartida ao poder destruidor temido inevitavelmente, agora, pela vivência do crescimento físico. Como me ensinou um menino de 5 anos que viera a tratamento

² Deuses-lares, na mitologia greco-romana, eram os espíritos dos antepassados, que protegiam a família. Cada família tinha o seu deus-lar particular.

por apresentar momentos de medo muito intenso: assim como, à medida que foi aprofundando sua ligação comigo, passou a temer que um incêndio destruísse o consultório e a mim, não deixava que outra pessoa apitasse a campainha avisando que chegara, “somente seu dedo fazia que a Eneida ouvisse”.

O conceito de fantasia, em Freud usado como recurso para suportar a frustração da satisfação pulsional, foi sendo desenvolvido e tornado aquilo que dá sentido aos atos humanos, talvez na esteira de uma das leituras possíveis de *Interpretação dos sonhos*. A solução da trama de *Desaparecido*, (“um grande pesadelo”, p. 116), em minha leitura, expressa a necessidade de viver a aventura e a dimensão em que isto pode e precisa ocorrer: na vida de fantasia, de sonho, no sentido que foi adquirindo em psicanálise. E no reconhecimento de um inconsciente que nos constitui.

No livro, Diogo Soares sobrevive a perigos extremos, dos quais consegue ser salvo pelo esforço e determinação da filha e do genro, recém-casados. E morre, de forma aparentemente banal, de um choque elétrico fulminante. É preciso que ele morra, podemos ouvir os autores nos ensinarem. Para poder ser alcançado, estar disponível para o telefonema real que Juliana vai fazer, do hotel da *lua-de-mel* conquistada. E conquistada pela morte do pai da infância. Crescer é um ato violento e criativo, algo que precisa ser elaborado, como ensina a leitura desta história de jovens que vão aos confins do mundo para voltar ao lugar onde tudo começou, ambos profundamente modificados pela luta travada. E capazes de fazer os telefonemas que efetivam a nova realidade criada.

5. “[...] – meu pai... Faleceu e eu estou com uma dor muito forte na barriga!”

Esta fala de Juliana pode parecer enigmática, mas também é uma fala que apresenta um aspecto inerente à leitura que venho fazendo do livro citado: é o corpo, que se impõe, que manifesta e comunica. Os autores, púberes, estão se defrontando com um corpo que está mudando, que os desconcerta ao fazê-los viver sensações não conhecidas, que acionam respostas também físicas e imperativas, que geram atos não pensados. E fantasias surpreendentes. Vivenciam o estranho em si mesmos. O estranho da sexualidade genital, em toda sua novidade e possibilidade de prazer nunca antes experimentado desta forma, abrindo um outro lugar ao outro, ao objeto.

Acredito que esta vivência de um eu-corpo que se impõe como realidade seja um dos fatores da aquisição do pensamento formal, em detrimento do pensamento mágico, onipotente, da infância, pela experiência de em nós mesmos acontecerem

eventos sobre os quais não temos controle, nem escolha. Estas experiências extremas também evidenciam a vida inconsciente tão ativa, determinante e alheia à ilusão de controle da criança.

Laplanche (2015) afirma, ao diferenciar *sexual* e *Sexual*, que “a sexualidade dita ‘ampliada’ é a grande descoberta psicanalítica, [...] Ela é infantil, certamente, ligada mais à fantasia que ao objeto, portanto auto-erótica, regida pela fantasia, regida pelo inconsciente” (p.156). O *Sexual*, para ele, “é uma sexualidade que se quer não procriadora, ou mesmo não principalmente sexuada”. “O Sexual não é o sexuado; é essencialmente o sexual perverso infantil” (*Ibidem*). Ainda que os estudos deste autor estejam dirigidos a uma teorização bastante específica de seu pensamento, estas suas colocações me ajudam a destacar a complexidade do momento do desenvolvimento dos autores de *Desaparecido*, que, acredito, transparece em seu texto. A aquisição da sexualidade procriadora, sexuada, causa inevitavelmente um desequilíbrio que deve gerar um novo equilíbrio, como já descrito neste artigo. Um novo lugar em sua própria história deve ser conquistado, o qual inevitavelmente muda o lugar até então ocupado pelo objeto parental. O corpo, local em que acontece e se realiza a sexualidade genital, é determinante nesta mudança, assim como de uma nova percepção do corpo do outro. O impacto das fantasias, que também constituem a sexualidade genital, pode possibilitar ou impedir esta conquista.

Este é um momento vital de turbulência, possibilidades e riscos, inevitavelmente, o que me parece muito bem ilustrado nesta que é uma das leituras possíveis deste instigante livro. O reconhecimento do lugar determinante das fantasias me parece expresso na resolução da trama (“foi um sonho”), assim como no clima onírico de toda a narração.

Para Winnicott (1963a), a fantasia é uma elaboração imaginativa das funções corporais. Destaca este autor a inextrincabilidade mente-corpo. Afirmar ser a atividade mental um caso especial do funcionamento da psique-soma. A leitura de *Desaparecido* me pareceu chamar a atenção para esta inextrincabilidade. Se é impossível matar o pai em fantasia, ou, em outras palavras, se as fantasias são vividas como reais (como no pensamento mágico da infância), a sexualidade genital não pode ser alcançada e usufruída. Se não podemos duvidar, desacreditar, questionar, rivalizar, atacar nossos pais, ficamos submetidos a uma posição infantil profundamente impeditiva do desenvolvimento, mesmo que pareça oferecer segurança, conforto. Impede o pensar que tanto valorizamos e que marca a individualidade. O livro, conforme o li, me parece descrever a violência, complexidade e riqueza deste acontecimento, o pensar adulto.

O parricídio é o ato de reivindicar nosso próprio lugar como alguém responsável por si mesmo e perante si mesmo; imortalizar nossos pais (um ato de expiação) pelo parricídio envolve a internalização metafórica dos pais. Essa internalização é *metafórica* na medida em que os pais não são simplesmente transformados em um aspecto nosso (uma simples identificação). Mais que isso, é uma internalização de um tipo mais rico: no sentido de incorporar em nossa própria identidade uma versão dos pais que inclui uma concepção de quem eles poderiam ter se tornado, mas foram incapazes de se tornar, como consequência das limitações de suas próprias personalidades e das circunstâncias em que viveram (Gabbard & Ogden, 2011, p. 120).

Esta dimensão humana finalmente concedida aos pais, que passa pelo assassinato dos pais absolutos da infância, torna possível também nossa existência como indivíduos com alcances e limites. Também viabiliza o usufruto da sexualidade genital, neste complexo processo que é a sexualidade humana entendida à luz da contribuição da teoria psicanalítica a partir de Freud.

6. “Ok, mas antes quero tomar um ar!”

Esta foi a resposta de Diogo Soares ao convite da filha para deitarem “aqui na cama para relaxar e conversarmos um pouco”. Teriam os autores alguma noção (inconsciente, acredito) do quanto os pais são exigidos no processo de crescimento de seus filhos? Comoveu-me notar como o pai da história aparece cansado, precisando de ar. Ser capaz de sobreviver ao crescimento dos filhos, com os inevitáveis questionamentos, denegrimientos que a desidealização necessária e inevitável acabam por acarretar, não é fácil. Assim como a crescente capacidade de se preocupar (Winnicott, 1963b) possibilita aos filhos alguma compreensão da vivência dos pais para seguir o desenvolvimento são, inevitavelmente, violentos. Pois os pais são, também de maneira inevitável, incapazes de oferecer a satisfação, o saber absoluto que dispensaria o esforço necessário ao desenvolvimento. E, justamente por isto, são capazes de oferecer o mundo a seus filhos.

A resultante deste conflito depende da capacidade dos pais de suportar abrir mão do lugar que lhes cabia quando os filhos eram pequenos. Na mesma medida, depende de os filhos abrirem mão da ilusão de onipotência e onisciência que tais pais lhes pareciam oferecer. Encontrar os pais-pessoas nos pais da infância também

é admitir as pessoas que eles mesmos podem ser, mas precisam lutar para tornar-se, ou seja, algo que possibilita o desenvolvimento.

Em minha experiência clínica, aprendi ser trabalho do psicanalista ajudar o analisando a admitir a necessidade de tomar posse de sua existência. Abrindo mão do encontro com os pais que não teve. Poder viver com os pais da realidade libera para existir como indivíduo capaz de criar a partir do que recebeu. A independência não é dada, é conquistada. Impõe-se como luto, oferece a possibilidade do novo, de uma vida construída ao caminhar.

Em alguma medida, precisamos sempre de um pai da infância que nos proteja, ou a quem responsabilizar pelo o que não conseguimos, por aquilo que dele não pudemos obter. Escrever este texto a partir da obra literária destes jovens púberes me remeteu a Freud, o qual estabeleceu como conflito nuclear do ser humano o complexo de Édipo, que me parece fazer-se evidente na história que contam. A universalidade deste complexo, como defendida pelo criador da psicanálise, foi motivo de grandes discussões, especialmente com os antropólogos (Smadja, 2013). Surgiram fortes, por vezes violentas, controvérsias extra-muros. Contudo, todos conhecemos as igualmente fortes, por vezes violentas, controvérsias intra-muros, que já levaram a exclusões formais de vozes discordantes.

Lendo este livro precioso, pensei na figura parental de Freud para nós, psicanalistas. E nas apaixonadas discussões que, por vezes, parecem girar em torno desta figura ancestral, prejudicando o desenvolvimento de nossa disciplina como um todo. Como afirma Mezan (2014), a questão das assim chamadas escolas psicanalíticas é que cada uma insiste em ser aquela que é fiel ao fundador, mesmo tomando trabalhos diferentes de sua extensa obra como referencial. Quando Green (1995) traz o importante questionamento sobre o lugar da sexualidade na psicanálise contemporânea, parece referir-se a um fenômeno de afastamento da teoria e técnica freudianas, ideia em que certamente possui razão. É possível questionar suas colocações sem negar a importância de sua contribuição. Alguns autores consideram os exemplos que Green dá neste seu texto predominantemente referentes à genitalidade, não à sexualidade a que Freud se referia.

Em livro recente, Green (2011) me parece ampliar a questão apresentada em seu já clássico trabalho de 1995, ao descrever duas fases da sexualidade, em termos cronológicos, enfatizando sua complementaridade: “a primeira, na qual a sexualidade maternal (e não feminina) predomina; e a segunda, na qual a sexualidade paternal (e não masculina) predomina” (p. 84). Penso que está, assim, acolhendo posições teóricas que, no texto de 1995, parecia negar.

Só é possível se conseguirmos ir além de Freud, como ele mesmo, aliás, sempre fez. Podemos supor que a psicosexualidade, desenvolvida por Freud a

partir de estudos da psicopatologia, demonstrou ser o desenvolvimento natural desde uma sexualidade infantil polimorfo-perversa até a unificação das pulsões parciais sob a égide da genitalidade, tornando-se um consenso a partir do qual outras teorizações puderam ser construídas. Neste sentido, os vínculos (K, H, L) propostos por Bion, por exemplo, poderiam ser pensados como metáforas de ligações sexuais que possibilitam o pensar. Pensar que exige a ligação, a interpenetração de conceitos heterogêneos para acontecer, para dar sentido à existência.

Teríamos deixado de tratar a sexualidade ou passamos a entendê-la de uma perspectiva mais complexa, compreendendo melhor, inclusive, os fatores mentais que podem prejudicar o gozo da genitalidade? Desenvolvimentos que só se tornam possíveis partindo das descobertas de Freud, mas somente se corajosamente “o matarmos” para fazer crescer o que ele iniciou. Abrindo mão de buscar que, deste pai de nossa infância como psicanalistas, provenham todas as respostas, deixando-o “tomar um ar” (de nossas exigências, talvez, como pediu para fazer Diogo Soares). Assim poderemos estar aptos ao intenso trabalho de nos tornarmos os melhores psicanalistas que possamos ser.

Ferro & Nicoli, em livro recente (2017), afirma ter a psicanálise um campo específico: aliviar o sofrimento mental. Sugere que, na clínica, mas também na teoria, “assim que entendemos algo, isto não tem mais interesse para nós: devemos estar interessados no próximo algo que ainda não entendemos” (p. 71) Para tal, o pai precisa “tomar um ar”, é necessário que façamos o luto pelo que ele não pôde nos oferecer para fazer crescer o que herdamos. O *Desaparecido*, conforme o li, fala desta árdua tarefa, que faz eco com aquilo que tenho aprendido da clínica: tornar-se um indivíduo é um ato sexual que possibilita a conquista da sexualidade genital, num processo contínuo, em espiral, de desenvolvimento.

7. Um sonho real

O encontro com esta obra escrita em conjunto por estes jovens de 11 anos foi muito importante para mim. A leitura que me percebi fazendo possibilitou um reconhecimento do lugar de onde escuto as manifestações humanas, minha convicção no inconsciente e seus desdobramentos, bem como na centralidade das relações na construção de quem somos, sendo a sexualidade, e a sexualidade infantil, com o complexo de Édipo descrito por Freud como cerne deste, a essência de nossa humanidade.

Escutar uma evidência disto na história produzida por jovens às voltas com a puberdade, o início da adolescência, jovens que teoricamente concebemos como

revivendo intensamente seus conflitos infantis, foi reassegurador. Evidência? Para as dúvidas que inevitavelmente acontecem em nosso trabalho com analisandos, uma possibilidade de acreditar no caminho psicanalítico. Não por provar algo, mas por reencontrar, nestes jovens autores, a capacidade humana de criar continentes para suas vivências, a possibilidade de tornar história que pode ser contada e escutada suas experiências emocionais e com isto enriquecer-se, existir.

A leitura que fiz de *Desaparecido* reafirmou o sentido que faz para mim a teoria psicanalítica e sua utilidade clínica. Nem todos conseguimos elaborar as vivências transformando-as em aventura que emociona, envolve. Trabalhamos, acredito, para ajudar quem nos procura a encontrar sua maneira peculiar de fazê-lo, dando sentido à sua vida, podendo usufruir do que lhe é próprio dentro de sua especificidade.

Nas palavras de Aulagnier (1984),

a função do Eu [*Je*] como construtor insaciável, e inventor, se necessário, de uma história libidinal da qual extrai as causas que tornam sensatas e aceitáveis as exigências das duras realidades com as quais tem que coabitar: o mundo externo e este mundo psíquico que, em grande parte, lhe é desconhecido (p. 12).

Fazendo este trabalho, retomei o conceito de sexualidade, de psicosexualidade, e reaprendi a história revolucionária de sua construção. Encontrei um conceito em constante transformação, chegando a me perceber, lendo em teorias como as de Bion e Winnicott, que aparentemente não fazem referência explícita à sexualidade, a vigência deste conceito no ligar, unir, estudar relações, mesmo que entre pensamentos. Conceito do qual me reapropriei e percebi ser estruturante de minha teoria implícita, até onde posso apreendê-la. Termino este trabalho com a percepção da psicanálise como teoria e prática viva, aberta a questionamentos, em evolução.

Cabe ressaltar que o livro *Desaparecido* é produto das mentes de jovens de uma escola particular, protegidos de dificuldades que sabemos que muitos outros jovens infelizmente vivem. Ainda assim, a presença estruturante das relações fundantes como eixo organizador da constituição da mente, da subjetividade, aparece inequivocamente, nesta minha leitura. Não acredito que seria diferente em produções de jovens de outras realidades, mesmo reconhecendo o poder destruidor da ausência destes cuidados essenciais e pensando em nossa responsabilidade nesta situação social, até pelo conhecimento do desenvolvimento resultante de nossas teorias.

Outra questão a que não sei responder é se a possibilidade deste livro ter

sido escrito não resulta também da sociedade em que estão inseridos os autores, ou do lugar a partir do qual eu o li. Cultura ocidental, onde a célula familiar é o eixo organizador, mesmo com todas as modificações que vêm acontecendo. Cultura a partir da qual e na qual Freud, nosso fundador, construiu sua concepção do complexo de Édipo como estruturante. Cultura que também se alimentou desta teoria, tornando-a uma de suas premissas, talvez, na contínua retroalimentação que move a humanidade.

O estudo e reflexões geradas em mim através da escrita deste artigo resultou em muita aprendizagem e em novas questões. Senti-me como no caminho de idas e voltas realizado por Carlos e Juliana, os quais acabam por encontrar Diogo Soares no próprio hotel em que estavam hospedados. Em que as chaves servem e não servem para abrir portas, o que reafirmou minha convicção de uma humanidade que nos liga a todos, expressando-se na diversidade que faz tão rico e único cada encontro com outro ser humano. □

Abstract

Will I find the Oedipus complex when looking for Diogo Soares?

Starting from the reading of the book *Desaparecido*, written by fifty children aged 11 years old from a school in Porto Alegre, the author investigates the psychoanalytic concept of sexuality. The book is about the search – conducted by a young and recently married couple – for Diogo Soares, the bride's father who had disappeared since the wedding. Considered that the author of this paper is a psychoanalyst, it is impossible not to read in that story the recreation of the Oedipus myth. The fact it was written by fifty young minds reinforces the Freudian notion that this complex is nuclear for the human being's psychosexual development. Controversies regarding that concept are investigated within psychoanalytic theory. Similarly to the way the resolution of the Oedipus complex imposes the renunciation to the parents and to the self from childhood as well as a work of mourning, the author proposes that we should also renounce to the Freud who would have all the answers so as to transform him into an inspiration and allow psychoanalysis to develop.

Keywords: Sexuality; Oedipus Complex; Desidealization; Adolescence

Resumen

Buscando Diogo Soares, encuentro el complejo de Edipo?

A partir de la lectura del libro *Desaparecido*, de autoría de cincuenta jóvenes de 11 años de edad de una escuela de Porto Alegre, es estudiado el concepto psicoanalítico de sexualidad. El libro relata la búsqueda de una joven pareja, recién casada, por Diogo Soares, el padre de la novia, desaparecido desde el casamiento. Imposible no leer ahí una recreación del mito edípico, la autora siendo psicoanalista. El hecho de haber sido escrito por cincuenta jóvenes mentes refuerza la noción freudiana de ser este el complejo nuclear del desarrollo psicosexual del ser humano. Controversias dentro de la teoría psicoanalítica sobre el concepto son examinadas. La autora propone que, así como la resolución del complejo de Edipo impone la renuncia a los padres y al yo infantil y un trabajo de luto decurrente de eso, necesitamos renunciar al Freud que tendría todas las respuestas para hacerle inspiracional, posibilitando el desarrollo del psicoanálisis.

Palabras clave: Sexualidad; Complejo de Edipo; Desidealización; Adolescencia

Referências

- Aulagnier, P. (1984). *O aprendiz de historiador e o mestre-feiticeiro*. São Paulo: Escuta, 1989.
- Azevedo, B. A. (2013). Por uma psicanálise com sexualidade. *SIG: Revista de Psicanálise*, 1: 37-50.
- Bloss, P. (1979). *Transição adolescente*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- Brito, K. & Dickel, G. B. (Orgs.) (2013). *Desaparecido*. Porto Alegre: Colégio Israelita Brasileiro. Escrito e ilustrado pelos alunos do 5º ano EF do Colégio Israelita Brasileiro.
- Calich, J. C. (2015) Apresentação da edição brasileira. In J. Laplanche, *Sexual*. Porto Alegre/São Paulo: Dublinense.
- Etchegoyen, R. H. (1987). *Fundamentos da técnica psicanalítica*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas.
- Ferro, A. & Nicoli, L. (2017). *The new analyst's guide to the galaxy*. London: Karnac.
- Freud, S. (1924). A dissolução do complexo de Édipo. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, (Vol. 19). Rio de Janeiro, Imago, 1976.
- Freud, S. (1926) Inibições, sintomas e ansiedade. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, (Vol. 20). Rio de Janeiro, Imago, 1976.
- Gabbard, G. O. & Ogden, T. O. (2011). Tornar-se psicanalista. *Livro Anual de Psicanálise*, XXV, 117-131, 2011.

- Green, A. (1995). Sexualidade tem algo a ver com psicanálise? *Livro Anual de Psicanálise, XI*, 217-229, 1995.
- Green, A. (2011). *Illusions and disillusion of psychoanalytic work*. London: Karnac, Psychoanalytical Ideas and Applications Series.
- Iankilevich, E. (2010). A conquista da alteridade, antídoto da solidão. *Revista do IEPP*, 12: 43-49.
- Klein, M. (1932). *Psicanálise da criança*. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1969.
- Laplanche, J. (2015). *Sexual*. Porto Alegre/São Paulo: Dublinense.
- McDougall, J. (1989). *Em defesa de uma certa anormalidade*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Meltzer, D. (1967). *El proceso psicoanalítico*. Buenos Aires: Lumen-Hormé, 1996.
- Mezan, R. (2014). *O tronco e os ramos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Smadja, E. (2013). O complexo de Édipo, cristizador do debate entre psicanálise e antropologia. *Livro Anual de Psicanálise, XXVII-1, 101-118, 2013*.
- Winnicott, D.W. (1963a). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1979.
- Winnicott, D.W. (1963b). O desenvolvimento da capacidade de se preocupar. In *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1979.

Recebido em 10/09/2018

Aceito em 12/09/2018

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**

Revisão técnica de **Marli Bergel**

Eneida Iankilevich

Av. Taquara, 564/206

90460-210 – Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: eiankilevich@gmail.com

© Revista de Psicanálise – SPPA